

SÉRIE ESPELHO

Fabíola Francisca Soares Scaranto¹

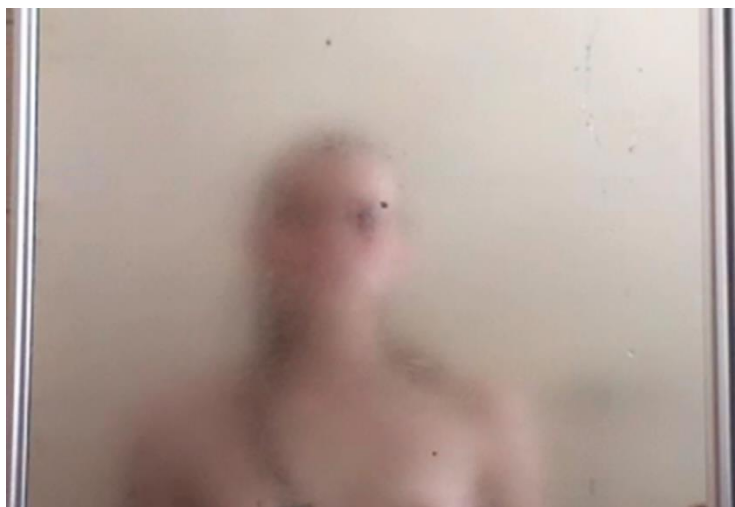
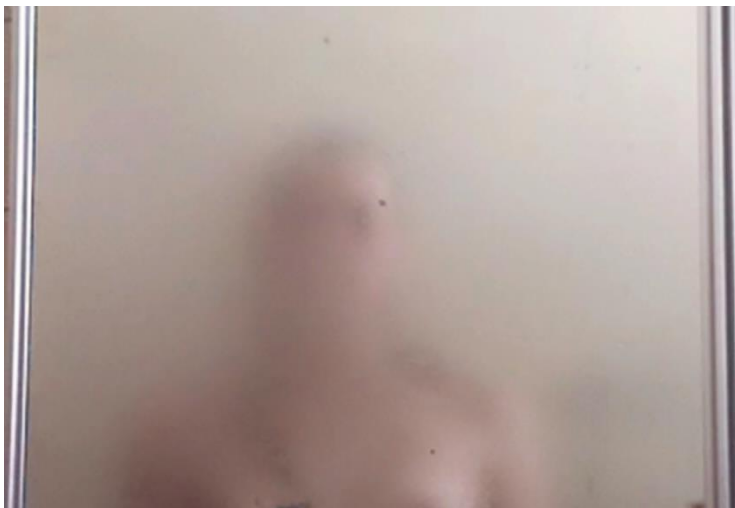
Sinopse

Trata-se de dois vídeos que compõem uma série em andamento. O primeiro vídeo foi realizado em 2004 e o segundo vídeo em 2015. Ambos os vídeos realizam a mesma ação de registro de um espelho embaçado depois de um longo banho quente e a revelação da imagem refletida da artista por trás do vapor que lentamente surge tornando o reflexo nítido. Embora tratar-se da mesma ação a experiência modifica-se por tratar-se de contextos e tempos diferentes que se reflete não apenas no espelho, mas na própria artista. Esta série é projetada para ser realizada a cada dez anos, um trabalho construído a longo prazo sem fim definido, o que lhe atribui um caráter movediço, pois não há como prever em que circunstâncias e aonde será realizado o próximo vídeo. Assim, o retorno ao espelho torna-se também um momento de pausa e reflexão diante percurso trilhado nos dez anos que os separam sobre o que foi, o que é e o que está por vir até o próximo.

A proposta de apresentação para o ciclo do ensaio visual é que ambos os vídeos sejam projetados lado a lado, sendo necessário apenas um projetor, onde a artista realizará a leitura de dois textos-relatos cada qual correspondente à época de produção dos registros

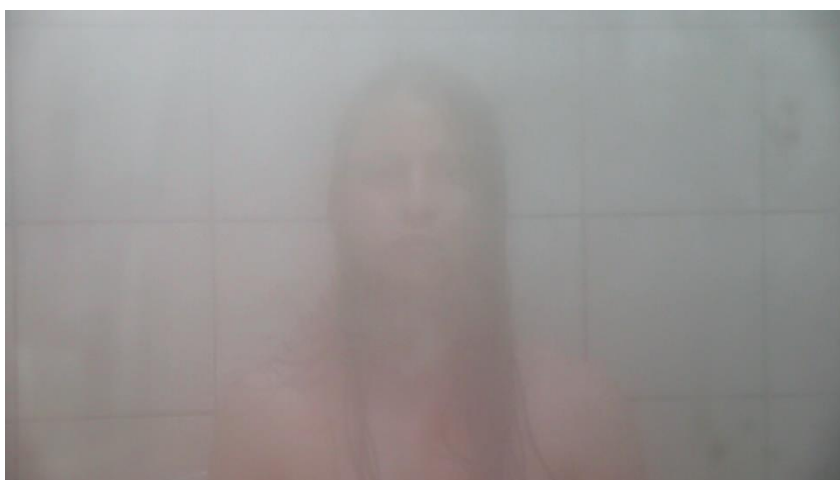
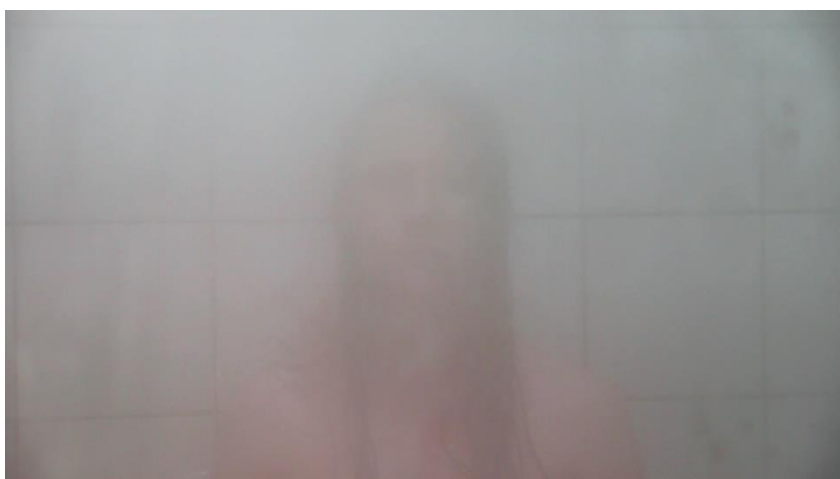
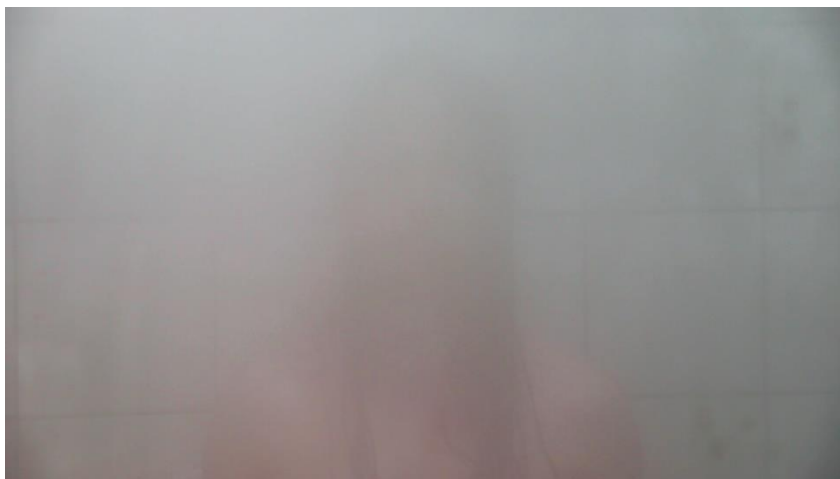
¹ Doutoranda em Artes Visuais - UDESC

Vídeo I - frames



Título: Espelho I | Ano: 2004 | Técnica: vídeo | Duração: 20'
<https://vimeo.com/7863812>

Vídeo II - frames



Título: Espelho II | Ano: 2015 | Técnica: vídeo | Duração: 18'
<https://vimeo.com/227158266>

Essa experiência foi pensada e realizada, a partir de observações de pequenos momentos que experienciamos habitualmente, brechas que geralmente passam despercebidas, como quanto tempo durava o suspiro que embaçava o vidro da janela do meu quarto. Assim, através desses espaços de tempo perdido, comecei a observar quanto tempo o espelho do meu banheiro levava para desembaçar depois de um longo banho quente. Em algumas dessas observações me posicionava frente ao espelho e procurava minha imagem refletida, mas minha impaciência não me deixava resistir a essa espera contínua, e acabava abrindo saídas (janela/porta), para logo enxergar minha imagem que se escondia por trás daquele véu branco, emoldurado por azulejos floridos. A partir de então, se tornou um desafio superar esse tempo que velava minha imagem naquele espelho velho, repleto de manchas escuras. E mutuamente a esse desafio, surgiu também a necessidade de captar essa passagem, que se realizou através de um vídeo, acreditando ser o registro mais fiel da apreensão desse tempo.

Existiu a necessidade de realizar essa ação considerando a realidade que estava acostumada, sem utilizar recursos para facilitar essa passagem, como já havia feito anteriormente, quando abria saídas no banheiro para acelerar o processo de desembaçar do espelho. Então, com a preocupação em respeitar esse tempo, fechei a porta e a janela e posicionei a câmera. Logo depois disso, procurei fazer o que era habitual. Tomei meu banho quente, prolongando aquele momento ao máximo, até que a atmosfera do banheiro estivesse completamente carregada. Coloquei-me frente ao espelho e fixei meus olhos no nada. Minha visão era nula diante de tal situação. E comecei minha espera que se fez em alguns minutos, mas que pareceram horas. A ansiedade em ver meu reflexo logo no espelho começou a reagir sobre meu corpo que parecia que iria escapar de mim para o chão a qualquer momento. A impaciência tomava-me por completo quando comecei a reconhecer-me aos poucos naquela atmosfera pesada que me cercava. E lentamente comecei a surgir, e certificar-me que ali estava, enquanto minha imagem ficava nítida a medida que sentia meu corpo secar. E a cada instante que se passava o reflexo fica mais claro, até o momento que pude me enxergar com a nitidez absoluta do espelho seco que me aprendia em sua moldura.

Fixo o meu olhar para o reflexo nulo do espelho encoberto pelo vapor. Retorno dez anos quando, pela primeira vez, realizei o trabalho *Espelho* (2004). Na época, uma das primeiras experiências em vídeo com pouco mais de 20 anos de idade. Embora naquela época já projetasse repetir a ação, não imaginava em que circunstâncias isso ocorreria. Apenas o plano de reproduzir a experiências a cada dez anos. Aqui, estou novamente, na mesma situação e atmosfera. Com as mesmas preocupações e rituais na preparação do ambiente para experiência. Talvez um pouco mais confortável do que a primeira vez, pois embora tivesse na época me preparado muito para realizar o trabalho ficava a dúvida se conseguiria. Minha preocupação, agora, seria conseguir fazer o vídeo em uma única tomada como na primeira vez. Nesses dez anos produzindo sempre procurei preparar-me muito antes de realizar qualquer trabalho para evitar a necessidade de repetir uma ação, pois me incomoda a automatização que a repetição pode atribuir ao gesto. Gosto da sensação da primeira vez, parece que tudo é mais intenso e a noção de tempo é perdida, às vezes, dilatando-se, às vezes, comprimindo-se, dependendo da experiência.

Como da primeira vez, fecho janelas e portas para acumular vapor suficiente no espaço. Arranjo cuidadosamente o equipamento e enquadramento da câmera. Ensaio algumas vezes a posição que devo ficar, pois, depois do espelho encoberto, perderei toda minha referência visual. Tomo um longo banho quente dando tempo para que a atmosfera do banheiro carregue de umidade. Ainda com o corpo molhado ligo a câmera e posiciono-me em frente ao espelho. Nesse instante, começo relembrar todas as sensações físicas da primeira vez, sensações já registradas pelo meu corpo. Muito mais que sensações, começo a relembrar alguns meses atrás quando estava próxima de realizar novamente o trabalho.

O mês de outubro aproximava-se, e logo completaria 10 anos da produção do vídeo. À medida que se aproximava a data, a experiência de refazer o trabalho fazia-me recordar e pensar sobre o que ocorria na época do primeiro vídeo, quando ainda tinha 20 anos. Estava no meio do curso de artes visuais e cheia de planos. Dez anos havia se passado, e percebia que grande parte daqueles planos não tinham sido concretizados. Percebia que nada tinha mudado muito, estava no mesmo lugar, cercada pelo mesmo núcleo de pessoas e dava-me conta, ironicamente, que talvez a maior mudança tivesse sido apenas de espelho. No entanto, seria surpreendida, pois na mesma época que

planejava reproduzir o vídeo, sem saber já ocorria dentro de mim a maior transformação que poderia imaginar, e que modificaria tudo até esse momento, no qual me encontro esperando pacientemente meu reflexo ressurgir no espelho.

Janeiro de 2015, uma manhã de domingo ensolarada e silenciosa. Quatro meses depois do que havia planejado. Um clima diferente da primeira vez. Tive que resistir ao calor do banho para que o espelho perdesse completamente seu reflexo. Não só o clima diferente, mas meu corpo também, que começa a sentir as transformações de uma gravidez. Embora o calor seja intenso, também me conforta, pois sei que acelerará o processo de desumidificação. Começo a sentir sensações diferentes da primeira vez. Percebo que a cegueira momentânea faz-me concentrar em outros sentidos. Sinto a água escorrer pelo meu cabelo e passar pelo meu corpo até gotejar no chão. Escuto o impacto das gotas no chão e o ambiente ao meu redor manifestando-se através de ruídos úmidos.

Meus pensamentos vagam entre recordações e este momento. A descoberta de uma gravidez inesperada. Embora planejasse filhos, confesso que tal realidade estremeceu-me. Volto meus pensamentos para o reflexo ainda encoberto. Começo a sentir um desconforto. Minhas pernas doem. Provavelmente pelo excesso de peso que agora carrego. Minha vontade é fechar os olhos para aliviar o cansaço e acelerar o tempo. Não lembro disso ocorrer da primeira vez. Não só as pernas incomodam, minha respiração parece incompleta e começa também faltar-me ar.

Tento pensar em outras coisas para não me concentrar no desconforto físico. Começo a questionar-me da decisão de realizar o vídeo em tal estado. Talvez não tenha sido uma boa ideia. Não consigo mais concentrar-me. Começo a forçar meu corpo para resistir até o fim. Tento concentrar-me na respiração, movimentar minhas pernas, esticar meus tendões com o cuidado de não colocar tudo a perder faltando tão pouco para meu reflexo revelar-se. Em alguns momentos, penso em entregar-me ao cansaço e desistir. Um momento de vazio como se dissolvesse-me no ar. Volto. O reflexo está quase nítido. Respiro fundo. Espero alguns instantes, talvez dois minutos. Não tenho mais certeza do que vejo. Talvez a superfície já esteja seca. Decido não forçar mais meu corpo e entrego-me a situação. Desligo a câmera.

Justificativa

A série Espelho tem o tempo como matéria poética da experiência. Esse tempo é dimensionada tanto na própria ação da artista ao registrar a passagem de tempo que ocorre no processo de revelação do reflexo no espelho como também no gesto de reproduzir o vídeo a cada dez anos. A repetição do trabalho cria-se um elo temporal entre os vídeos que se ligam por esse tempo decorrido e vivido neste entre meio. Ao mesmo tempo encerra-se um ciclo e abre-se ao por vir, um novo ciclo até a repetição do gesto em um outro espaço e tempo.

Assim, a relação entre o tema proposta do ciclo, volta-se principalmente ao agora enquanto a ação em si de registro, como momento de reflexão entre o tempo decorrido entre um vídeo e o outro e também ao tempo de espera que se inicia com suas expectativas e agouros condições inerentes ao estado de por vir.